

ANÁLISE DA TENDÊNCIA DOS ÓBITOS POR HOMICÍDIOS EM NATAL E DEMAIS CAPITAIS NORDESTINAS, NO PERÍODO DE 1996 A 2010*.

Kleber Maciel de Farias Júnior*
Ítalo Medeiros de Azevedo♦
Paulo Roberto Medeiros de Azevedo⊗

Palavras-chave: Homicídio; Natal; Nordeste; Tendência.

Resumo

A participação dos homicídios no grupo de mortes por causas externas, no Brasil, passou a ter uma expressiva representatividade ao longo dos anos, especialmente a partir de 1990, em que a taxa de homicídio passou a superar a de acidentes de transporte. Tal comportamento, também, aconteceu em Natal, sendo que a referida mudança ocorreu a partir de 2003. O objetivo do presente estudo é avaliar as tendências das taxas de homicídios nas capitais nordestinas no período de 1996 a 2010, além de avaliar as características sócio-demográficas dessas mortes na capital norte-rio-grandense. A fonte de dados deste estudo é o DATASUS/MS, tanto para dados de mortalidade quanto para estimativas populacionais. Outras informações foram levantadas junto ao Centro Integrado (CIOSP/RN). O modelo de regressão linear simples é utilizado para as análises de tendência das taxas. Elas evoluíram significativamente nas capitais nordestinas, que era de 37,1 em 1996 passou a 55,7 em 2010, acréscimo de 50,4%. Destacando-se as cidades de Recife e Maceió por suas díspares inversões, onde a capital pernambucana decresceu significativamente, passando de uma taxa de 80 para 57 homicídios por 100.000 habitantes e Maceió passando de 49,4 para 109,9 homicídios, aumento de 122,6%. Em Natal a taxa cresceu 84,5%, saindo de um índice de 17,5 em 1996 para 32,4 homicídios. Apresentando similaridade com outros trabalhos, o homicídio em Natal distribui-se proporcionalmente com maior

* Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Montevideú, Uruguai de 23 a 26 de outubro de 2012..

* Aluno Mestrado, UFRN.

♦ Aluno Mestrado, UFRN.

⊗ Professor, UFRN.

participação masculina (93,2%) e solteiros (79,7), residentes em áreas de baixa renda e expansão urbana. A arma de fogo é a mais utilizada (91,8%). Outro ponto de destaque é que sete das nove capitais do estudo apresentam crescimento significativo das taxas de homicídios. Esse tipo de estudo requer uma avaliação mais aprofundada dos determinantes sociais e econômicos, além de mapeamento espacial que sejam capazes de fornecer elementos para a formulação de estratégias de combate à violência.

ANÁLISE DA TENDÊNCIA DOS ÓBITOS POR HOMICÍDIOS EM NATAL E DEMAIS CAPITAIS NORDESTINAS, NO PERÍODO DE 1996 A 2010*.

Kleber Maciel de Farias Júnior*
Ítalo Medeiros de Azevedo♦
Paulo Roberto Medeiros de Azevedo⊗

INTRODUÇÃO

Há uma vasta literatura mostrando que o aumento da mortalidade por violência no Brasil vem consumindo muitas vidas humanas (Assis & Barbosa, 2002; Aidar, 2003; Camargo, 2007) e o que chama a atenção é que essas mortes são perfeitamente evitáveis no contexto das políticas públicas de saúde e segurança (Minayo, 1994; Mello-Jorge et al, 1997; Minayo, 2004; Minayo, 2005). Existe uma concordância entre muitos pesquisadores (Souza & Minayo, 1994; Maia, 2000; Simões, 2002; Aidar, 2003) que os óbitos por homicídios afetam negativamente a esperança de vida da população, produzindo perdas nesse indicador. As crianças menores de 1 ano de idade, sobreviventes do regime de alta mortalidade infantil nas décadas passadas, são as principais vítimas de mortalidade no presente (Simões 2002; Aidar, 2003).

O desenvolvimento urbanístico pelo qual passam as cidades brasileiras tem provocado mudanças substanciais em suas estruturas físicas, promovendo dessa forma alteração no estilo de vida das suas populações. Esse processo de urbanização aliado a formação de novas regiões metropolitanas, os quais atraem maiores aglomerados populacionais, modificam o padrão de mortalidade.

O município de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, possui uma área de 167 km² (IBGE, 2010) e uma população de 803.811 habitantes (IBGE, 2010), não se diferencia das

* Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Montevideú, Uruguai de 23 a 26 de outubro de 2012.

* Aluno Mestrado, UFRN.

♦ Aluno Mestrado, UFRN.

⊗ Professor, UFRN.

demais que se tornaram região metropolitana, especialmente no que tange à mudança no padrão de mortalidade, conhecido como transição epidemiológica. Nesse processo as mortes por causas externas, em Natal, passam a ocupar paulatinamente um papel de destaque.

Essas mortes – por causas externas –, que são evitáveis e atingem principalmente as faixas etárias jovens, dependem não somente das políticas públicas relacionadas à melhoria das condições sociais dos indivíduos, mas também de mudanças comportamental e cultural, especialmente no tocante à cultura de paz.

As mortes por causas externas englobam, entre outras, os homicídios ou agressões, os suicídios, os acidentes de trânsito, os afogamentos, as quedas acidentais, as mortes por queimadura e outras.

JUSTIFICATIVA

Analisando-se a evolução histórica dos óbitos por causas externas, no Brasil, observa-se um aumento significativo na participação dos homicídios nesse grupo. Haja vista que, no período de 1980 a 2010, tinha-se no início dessa série (1980) uma taxa de acidente de transporte 50% maior que a taxa para homicídio (17,1 e 11,7 por 100.000 habitantes, respectivamente). Tal diferença – pró acidente de transporte – foi diminuindo paulatinamente, momento em que, a partir de 1990 observa-se a mudança hierárquica na mortalidade por causas externas.

A figura 1 possibilita verificar o comportamento dos dados nessa série, no entanto é interessante perceber que a inversão no percentual de participação passou a ser 50% maior para homicídios no ano 2000. Para 2010, tal diferença já sofreu importante redução.

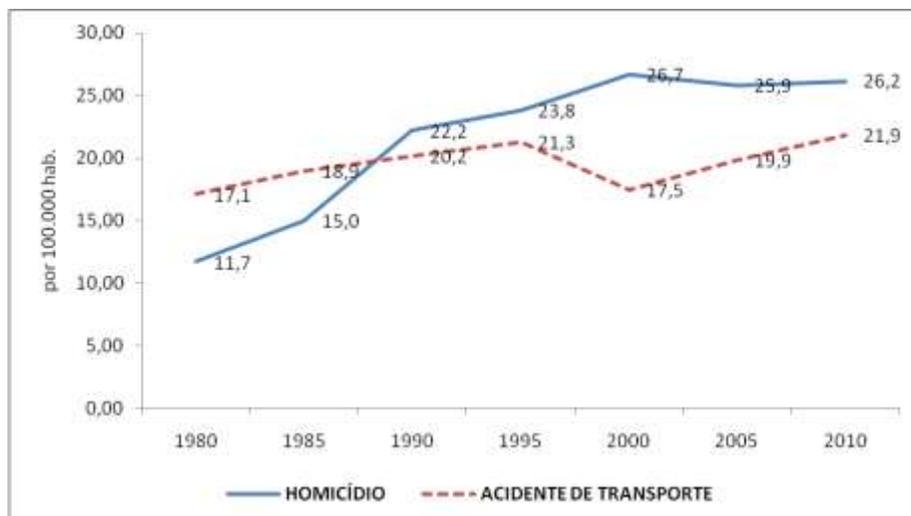


Figura 1 – Série histórica das taxas de mortalidade por homicídios e acidente de transporte, para o Brasil, 1980-2010.

No caso de Natal, ao observar sua série histórica de 1996 a 2010, percebe-se que a inversão pró homicídio, só ocorre a partir de 2003. Contudo, a taxa de homicídio chega a ser quase 300% maior que a de acidente de transporte em 2009 (38,1 e 12,8 por 100.000 habitantes, respectivamente). Essa forte tendência de crescimento da mortalidade por homicídio em Natal, fica bem evidenciada a partir de 2005 (Figura 2).

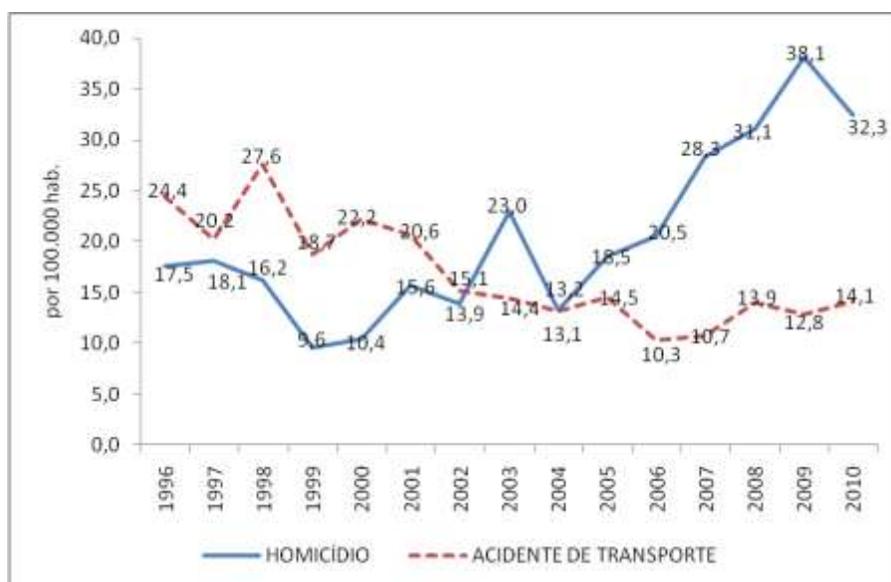


Figura 2 – Série histórica das taxas de mortalidade por homicídios e acidente de transporte, para Natal, 1996-2010.

para Natal, 1996-2010.

A violência é o resultado da agressividade humana, manifestada nas relações interpessoais ou autodirigida, quando há emprego de energia com o propósito de causar dano (Bobadilla et al., 1995). A violência é definida em estudos epidemiológicos como sendo o uso intencional da força física, dirigida contra o próprio agressor ou contra terceiros e que resulta lesão ou morte (Rosenberg et al., 1992). No caso do homicídio, sua principal característica é a presença de uma agressão de terceiro(s), que utiliza(m) qualquer meio para provocar danos, lesões ou a morte da vítima.

O estudo dos homicídios no Brasil virou questão pública. Isso se deve ao aumento progressivo das taxas de mortalidade que vem sendo verificado no país, especialmente a partir do início da década de 80. Esse problema é particularmente mais grave nos grandes centros urbanos. Exemplifica tal fato, o Município de São Paulo que experimentou aumento de 335% em seus coeficientes entre 1980 e 2000, conforme a análise dos dados do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde (Gawryszewski et al., 2005).

Ainda em relação ao problema dos homicídios, é importante considerar dois aspectos. O primeiro é que essas mortes atingem desproporcionalmente o grupo de adolescentes e adultos jovens. A passagem da infância para a idade adulta é um momento marcante da vida, tanto do ponto de vista biológico, quanto social. O segundo diz respeito ao fato de que estudos realizados no país (Barata et al., 1994; Szwarcwald et al., 1999) e no exterior (Butchart et al., 2002), chamam atenção para a existência de diferenciais intra-urbanos em relação à violência, sendo que as taxas mais altas são encontrados nos grupos com condições socioeconômicas mais desfavoráveis. É preciso reconhecer e superar a profunda desigualdade existente na sociedade brasileira; esforços devem ser dirigidos no sentido de identificar, medir e reduzir as desigualdades nas condições de vida, saúde e acesso aos serviços e tratamento (Gawryszewski et al., 2005). A diminuição dessas desigualdades, especialmente se associada ao maior crescimento econômico e social, deverá contribuir para a redução das taxas de homicídios.

Buscando estabelecer uma sequência de desenvolvimento lógica deste trabalho, o mesmo está estruturado com essa introdução e a seguir apresentamos os objetivos. Logo após, está descrita toda a metodologia utilizada na elaboração deste. Os resultados estão apresentados seguinte à metodologia. Finalizando, apresentamos algumas considerações acerca do que foi estudado neste artigo.

OBJETIVOS

Este estudo busca, inicialmente, analisar a evolução e as tendências da mortalidade por homicídios em Natal, no contexto da situação da violência urbana Nordestina.

Marginalmente, procura enfocar a evolução histórica (1996-2010) da mortalidade por homicídios nas capitais Nordestinas.

Pretende também, avaliar o comportamento sócio-demográfico da mortalidade no município de Natal

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo de série histórica de 1996 a 2010, cujas unidades de análise são as capitais Nordestinas, focalizando-se dados sócio-demográficos e espacial, nos homicídios em Natal.

A principal variável do estudo está relacionada à denominação de Homicídios, a qual na CID-10 refere-se à somatória das categorias X85 a Y09, recebendo o título genérico de Agressões.

As informações básicas de óbitos são originárias, primeiramente, do Sistema de Informações sobre a Mortalidade, processados pelo Departamento de Informática do SUS – DATASUS, do Ministério da Saúde, disponíveis no sítio eletrônico do DATASUS. Para o ano de 2010, os dados ainda são apresentados como preliminares, podendo haver correções futuras. Outra fonte importante de dados sobre homicídios é o Centro Integrado de Operações de Segurança Pública (CIOSP/RN) da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Norte (SSP/RN),

que dispõe de informações das mais relevantes e atualizadas, algumas das quais não levantadas pelo SIM.

Além de trabalhar com os valores absolutos – número de óbitos acontecidos em determinado ano – para poder comparar municípios de portes diferentes, foram utilizadas taxas anuais por 100.000 habitantes.

Para o cálculo das taxas de mortalidade por homicídio foram utilizadas as estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo DATASUS, baseadas em estimativas populacionais do IBGE, para o Tribunal de Contas da União, destinadas aos cálculos do Fundo de Participação dos Municípios. Contudo, essas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de certa margem de erro, tanto maiores quanto mais se distancia da data do último censo. Utilizou-se também os dados populacionais por zona administrativa da cidade do Natal, disponibilizados pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB).

Além da análise descritiva dos dados, também foi utilizado o modelo de regressão linear simples para as análises de tendência das taxas de homicídios, com $Y_t = \beta_0 + \beta_1 t + \varepsilon_t$, sendo Y_t a taxa de homicídio, t é o tempo (em anos) e ε_t um erro aleatório. A avaliação da existência de tendência na série das taxas baseia-se no teste estatístico cujas hipóteses nula e alternativa são, respectivamente, $H_0: \beta_1 = 0$ e $H_1: \beta_1 \neq 0$. Ou seja, a série é considerada estável quando a hipótese nula não é rejeitada ($p > 0,05$) e, em caso contrário, é classificada como tendo tendência crescente ou decrescente, conforme seja o sinal positivo ou negativo, respectivamente, da estimativa obtida para β_1 .

Para a análise estatística foi utilizado o *software* Statistica (versão 7.0), além do ArcGis (versão 9.4) para elaboração de mapas temáticos, utilizou-se também a planilha eletrônica Excel, para cálculos de taxas e criação dos gráficos.

RESULTADOS

O enfoque da mortalidade por homicídio nas capitais da Região Nordeste justifica-se porque elas apresentam características semelhantes como o clima, o relevo, o grande número de cidades litorâneas, a cultura, o turismo, entre outros.

Na região Nordeste a taxa de homicídio teve um aumento de 50%, quando considerada a evolução histórica de 1996 a 2010, haja vista, passagem nesse patamar de 37,1 para 55,7 por 100.000 habitantes. No contexto geral, tal taxa apresenta crescimento constante.

Duas cidades merecem ser destacadas devido às tendências opostas de suas taxas de mortalidade por homicídio. Maceió apresenta uma forte tendência de elevação no número de óbitos por essa causa, passando a crescer a partir de 2000. Em 2008 esta taxa ultrapassou os 100 óbitos por cem mil habitantes, tornando-se a mais alta da região. Num sentido contrário, a Cidade de Recife, que apresentava uma taxa alta e relativamente constante de 80 óbitos por cem mil habitantes até 2008, passou a mostrar um decréscimo contínuo a partir daquele ano, chegando aos 57 óbitos por cem mil habitantes em 2010, uma taxa que continua alta, uma das três maiores da região, mas que nos últimos 10 anos conseguiu reduzir 40% desses óbitos.

Num ritmo de crescimento menor, a capital do Rio Grande do Norte também parece caminhar rumo a níveis elevados de mortalidade por homicídio, se mantiver a tendência crescente desde o início desta década. Mesmo sendo a segunda menor taxa do nordeste, Natal apresenta uma evolução notória de 2004 a 2009. No comparativo histórico de 1996 a 2010, tal crescimento chega a 84%. Aqui também se pode levantar a hipótese de relação entre aumento das taxas de homicídio e o crescimento populacional da Região Metropolitana.

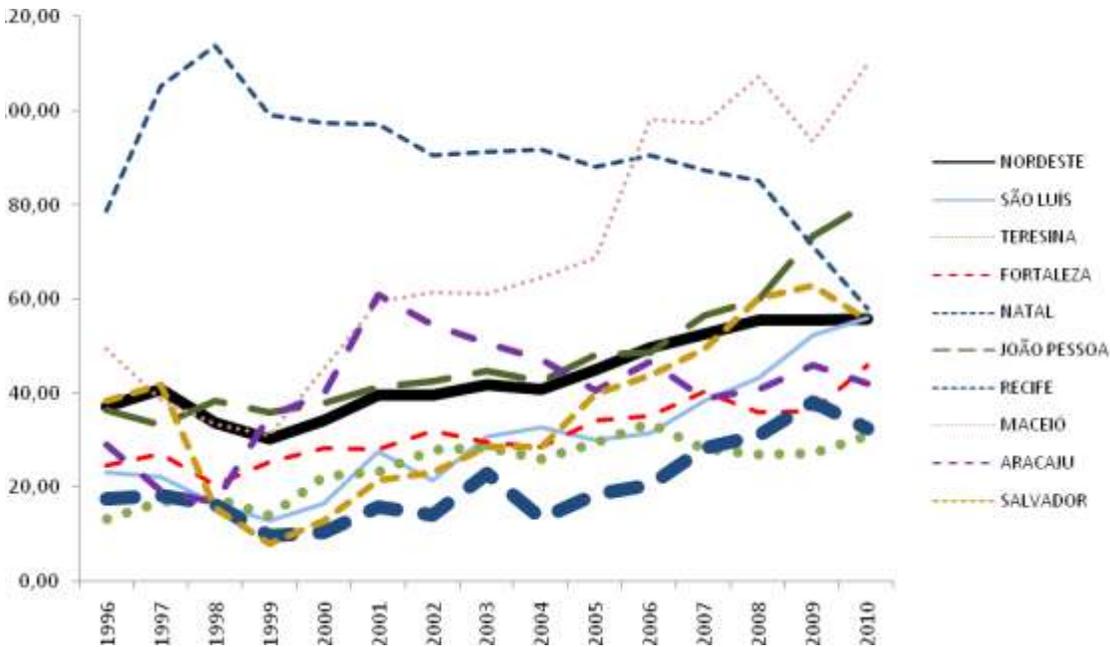


Figura 3 - Evolução da taxa de homicídio nas nove capitais Nordesteiras, 1996-2010

Figura 3 - Evolução da taxa de homicídio nas nove capitais Nordesteiras, 1996-2010

Os óbitos por homicídios que tem vitimado, principalmente, a população que vive nas periferias das grandes cidades, carente de infra-estrutura urbana básica e de equipamentos e serviços nos setores de saúde, educação, justiça, segurança e lazer entre outros, tem números cada vez mais elevados na Região Nordeste. De 1996 a 2010 a taxa de homicídios nas capitais nordestinas apresenta uma tendência de crescimento significativa (tabela 1), sete das nove cidades seguem essa tendência, as exceções são Aracaju que mantém valores estáveis e Recife que apresenta uma diminuição significativa destes óbitos. Essa redução deve-se em parte aos investimentos que a capital pernambucana fez em parceria com o governo federal e o Estado de São Paulo, um dos exemplos é o programa Pacto Pela Vida e o combate ao tráfico de drogas através do Plano de Enfrentamento ao Crack.

Tabela 1 – Modelo de regressão linear simples para evolução histórica da taxa de homicídio 1996-2010, segundo capital nordestina.

Capital	Óbitos por homicídio		Tx. por 100.000 hab	Modelo Estimado	P-valor	Tendência
	N	%				
São Luís	4291	6,1%	43,94	10,03 + 2,54t	< 0,0001	Crescimento
Teresina	2780	4,0%	31,18	14,88 + 1,19t	< 0,0001	Crescimento
Fortaleza	10773	15,3%	24,78	20,75 + 1,32t	< 0,0001	Crescimento
Natal	2320	3,3%	31,77	8,76 + 1,46t	0,0008	Crescimento
J. Pessoa	4655	6,6%	20,83	25,56 + 2,80t	< 0,0001	Crescimento
Recife	19560	27,9%	49,02	106,33 - 2,07t	0,0048	Decrescimento
Maceió	8909	12,7%	89,36	23,01 + 5,61t	< 0,0001	Crescimento
Aracaju	2984	4,2%	69,89	30,31 + 1,28t	0,0711	Estável
Salvador	13957	19,9%	40,96	13,23 + 2,75t	0,0029	Crescimento
Total	70229	100,0%	36,35	29,76 + 1,70	< 0,0001	Crescimento

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados DATASUS/MS.

A mortalidade por homicídios na cidade do Natal, considerando-se a distribuição espacial, apresenta diferenças acentuadas. Devido o caráter seletivo da morte por homicídio, observa-se que Natal (Tabela 2 e Figura 4), assim como as demais grandes cidades brasileiras, caracteriza-se por uma diferenciação sócio-econômica espacial entre seus moradores.

A Zona Administrativa Oeste é a que apresenta a maior taxa de homicídio (por 100.000 mil habitantes), com 37,57 e seguida da Região Norte 37,34. Ambas as regiões apresentam predominância de população jovem e têm em seus espaços, bairros criados a partir de invasões de terras, além de crescimento populacional significativo. Nesses casos, destacam-se os bairros do Guarapes e Planalto, na Zona Oeste; e Nossa Senhora da Apresentação e Lagoa Azul, na Norte.

A Zona Leste apresenta um indicador intermediário 26,83 (homicídios por 100.000 hab.), certamente devido ao Bairro de Mãe Luiza. Tal bairro é diferenciado dos demais, da referida região, haja vista sua ocupação ser em algumas encostas do Morro de Mãe Luiza, que é caracterizado pelas disputas de pontos de venda de drogas.

Tabela 2 – Taxa de homicídio por 100.000 habitantes, por Zona, Natal, 2010.

Zona administrativa	Taxa por 100.000 hab
Norte	37,34
Oeste	37,57
Leste	26,83
Sul	9,18

Fonte: Base de dados do MS/SIM/DATASUS.

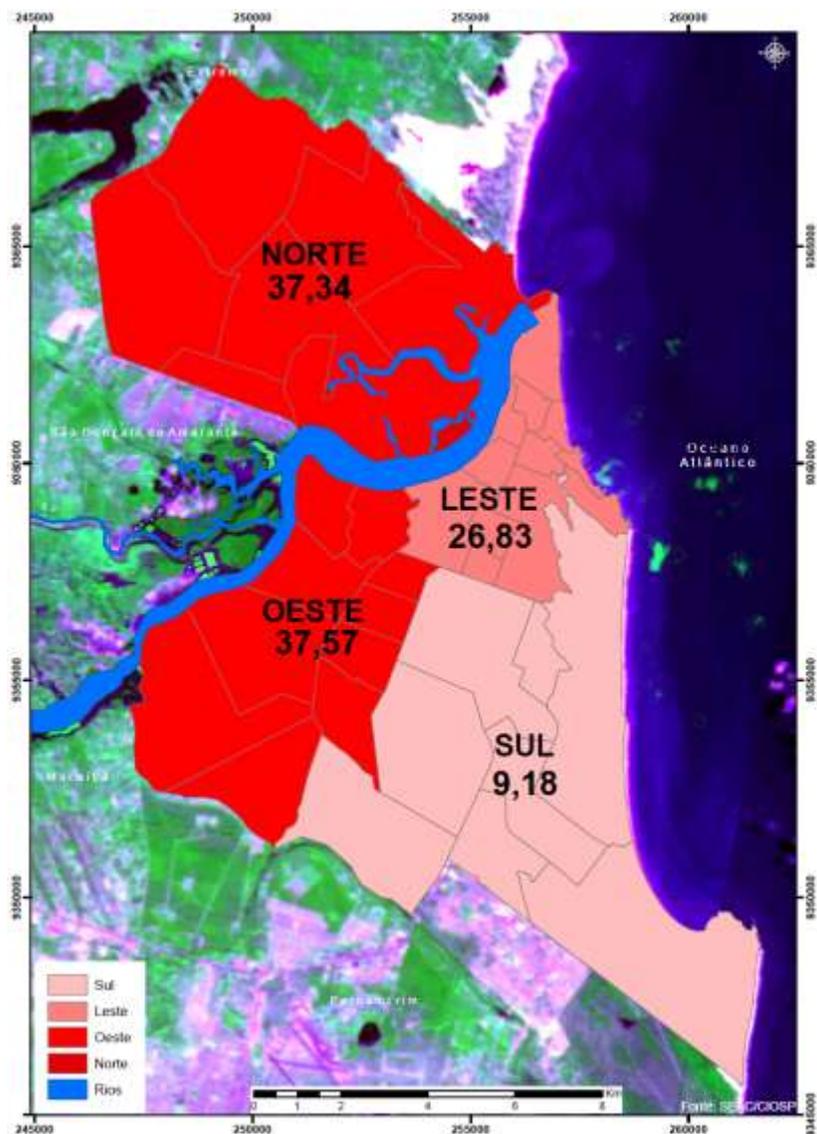


Figura 4 - Distribuição da taxa de homicídio nas Zonas Administrativas de Natal, 2010

Para os homens vítimas de homicídios, 93,2% dos homicídios, no transcorrer de quinze anos (1996 a 2010), houve uma evolução acentuada e significativa das taxas que passaram de 34,2 para 63,5 (por 100 mil homens), o que evidencia o aumento do risco de morte por esta causa. As mulheres, apesar de representarem apenas 6,8% dos homicídios, também seguem essa tendência com um aumento de 64,0%, passando de 2,9 para 4,6 por cem mil habitantes.

Tabela 3 – Modelo de regressão linear simples para evolução histórica 1996-2010, Natal, segundo sexo.

Sexo	Óbitos por homicídio		Tx. por 100.000 hab	Modelo Estimado	P-valor	Tendência
	N	%				
Masculino	2162	93,2%	63,50	$6,00 + 0,66t$	0,0007	Crescimento
Feminino	157	6,8%	4,70	$0,64 + 0,07t$	0,0492	Crescimento
Total	2319	3,3%	32,35	$3,06 + 0,34t$	0,0008	Crescimento

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados CIOSP/RN e DATASUS/MS.

A maioria dos óbitos por homicídios ocorridos em Natal segue uma tendência universal, concentrando-se nos homens solteiros, jovens adultos, com baixos níveis de ocupação e escolaridade e em zonas com menores padrões sócio-econômicos.

Desses óbitos, a grande maioria, 79,7%, é de solteiros (Figura 5), e pouco mais de 12% são casados. A expressiva proporção de solteiros entre os vitimados pelo homicídio deve-se, em muitos casos, à sua vontade de desfrutar os prazeres da vida, na maioria das vezes sem uma base familiar, embarca no mundo das drogas em busca de novas experiências, mesmo diante dos riscos que possam correr.

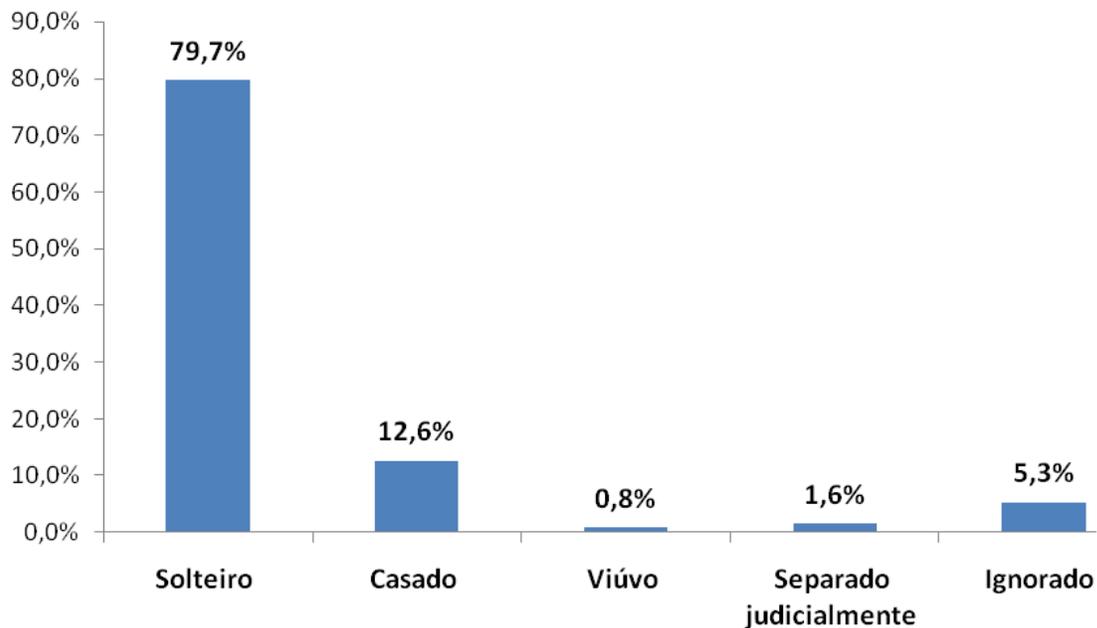


Figura 5–Distribuição percentual dos homicídios por estado civil, Natal-RN, 1996-2010.

Analisando os dados por faixa etária, para os anos de 1996 a 2010, nas ocorrências de mortalidade por homicídio, fica evidente uma forte concentração (62,0%) desses óbitos nas idades entre 15 a 29 anos (Figura 6).

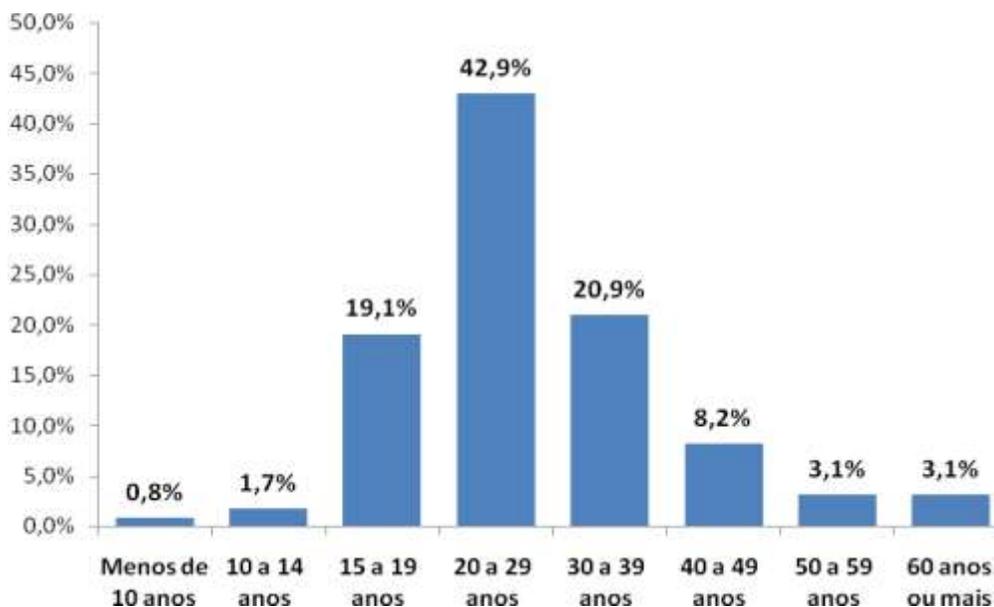


Figura 6–Distribuição percentual dos homicídios por faixa etária, Natal-RN, 1996-2010.

De acordo com a Tabela 5, verifica-se que do total de 243 ocorrências de homicídios registradas pelo CIOSP em 2010, a grande maioria (223 ou 91,8%) dos óbitos foi provocada por arma de fogo e apenas 5,3% corresponderam a mortes provocadas por arma branca.

Tabela 5 – Distribuição dos homicídios por tipo de arma, Natal, 2010.

Tipo de arma	Homicídios	
	N	%
Fogo	223	91,8%
Branca	13	5,3%
Outros	6	2,5%
Ignorado	1	0,4%
Total	243	100,0%

Fonte: CIOSP/RN

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homicídio no Nordeste apresenta perfil de crescimento, que atinge um aumento de 50%, na avaliação histórica de 1996 a 2010. A evolução histórica da taxa de homicídio na região Nordeste mostrou um decréscimo na cidade do Recife e um expressivo aumento na capital Alagoana, Maceió. Os homicídios na cidade do Natal seguem uma tendência universal, atingindo homens jovens (de 15 a 29 anos), especialmente os solteiros que residem em bairros periféricos de baixa renda. Mesmo após diversas campanhas de desarmamento realizadas pelo Ministério da Justiça, no Brasil, as armas de fogo ainda prevalecem nas execuções dos homicídios.

REFERÊNCIAS

AIDAR, T. O impacto das causas violentas no perfil de mortalidade da população residente no Município de Campinas: 1980 a 2000. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. V. 20. Nº 2, p.281 – 302. Campinas. Jul/Dez 2003.

ASSIS, E., BARBOSA, L. M. A Mortalidade por Causas Externas e os Aspectos Socioeconômicos nos Bairros de Natal. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

BARATA R.B., RIBEIRO M.C., GUEDES M.B., DE MORAES J.C. Intra-urban differentials in death rates from homicide in the city of São Paulo, Brazil, 1988-1994. SocSciMed1998;47(1):19-23

BOBADILLA JL, CÁRDENAS V, COUTTOLENC B, GUERRERO R, REMENYI MA. Medición de los costos de la violencia. Caracas: OPS; 1995.

BUTCHART A, ENGSTRÖM K. Sex - and age-specified relations between economic development, economic inequality and homicide rates in people aged 0-24 years: a cross-sectional analysis. Bull World Health Organ 2002;80(10):797-805.

CAMARGO, A. B. M. MORTES POR CAUSAS VIOLENTAS NO ESTADO DE SÃO PAULO: a influência das agressões. São Paulo em Perspectiva, v. 21, n. 1, p. 31-45, jan./jun. 2007.

CARVALHO, M. S. & CRUZ, O. G. Mortalidade por causas externas, análise exploratória espacial, Região Sudeste do Brasil. Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Caxambu/MG, Brasil, 1998.

CÉSAR, I.A. A mortalidade por causas externas no Recife e sua Região Metropolitana, 1990/92 a 2000/2002. Anais do XIV encontro da ABEP. Caxambu/Minas Gerais/Brasil. Set/2004

CÉSAR, I.A. & RODRIGUES, R. N. A mortalidade por causas externas entre adolescentes do Recife e Salvador nos anos 80. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a203.pdf>. Acessado em: 10/01/2011).

FORMIGA, M.C., PESSOA, F. dos S. e RAMOS, P.C.F. Uma avaliação das estatísticas de mortalidade do município de Natal-RN a partir de fontes oficiais. In: Simpósio Nacional De Probabilidade E Estatística, 12, Caxambu-MG, 1999 Anais... Belo Horizonte, 1999, p.177-8.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil 2009*. Rio de Janeiro; 2009. Disponível em: URL:http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf [2011 nov 14]

GAWRYSZEWSKI, V.P.; COSTA, L. S.. Homicídios e desigualdades sociais no Município de São Paulo. Revista de Saúde Pública (USP. Impresso), São Paulo, v. 39, n. 2, p. 191-197, 2005

LISBOA, M. B; ANDRADE, M. V. Mortalidade nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas. Ensaios Econômicos, nº 399. Agosto de 2000.

LIMA, M. L. C; XIMENES, R. A. A.; SOUZA, E. R. S.; LUNA, C. F.; ALBUQUERQUE, M. F. P. M. Análise espacial dos determinantes socioeconômicos dos homicídios no Estado de Pernambuco. Revista de Saúde Pública –39 (2): 176-82. 2005.

MAIA, P. B. O impacto das mortes violentas na esperança de vida do município de São Paulo e de 4 Zonas sócio-econômicas. [Artigo parte da dissertação de Mestrado em Epidemiologia — Escola Paulista de Medicina da UFSP]. ABEP/NEPO/UNICAMP. São Paulo, 2000.

MELLO-JORGE, M.H.P.; GAWRYSZEWSKI, V.P.; LATORRE, M.R.D.O. Análise dos dados de mortalidade. *Revista de Saúde Pública*, 31 (4 Suplemento): 5-25, 1997.

MINAYO, M.C.S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Caderno de Saúde Pública*. Editorial, Rio de Janeiro. 10 (Supl.1): 07-18. 1994.

MINAYO, M.C.S. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor de saúde. *Caderno de Saúde Pública*. Editorial, Rio de Janeiro. 20 (3):646-647. maio/junho, 2004.

MINAYO, M.C.S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In *Impacto da Violência na Saúde dos Brasileiros*. Série B. Textos Básicos de Saúde. Ministério da Saúde, Brasília-DF, 2005.

NASCIMENTO, A. G. O. Mortalidade em Manaus: Caracterização e espacialização dos homicídios, diferenciais sócio-econômicos e demográficos das vítimas residentes em área urbana. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Amazonas. Manaus, Amazonas, 1999.

PERES, M. F. & SANTOS, P. C. Mortalidade por homicídios no Brasil na década de 90: o papel das armas de fogo. *Revista de Saúde Pública*, 39 (1): 58-66. São Paulo. 2005.

ROSENBERG ML, O'CARROLL PW, POWELL KE. Let's be clear: violence is a public health problem. *JAMA* 1992;267(22):3071–3072.

SIMÕES, C.C.S. Perfis de saúde e de mortalidade no Brasil: uma análise de seus condicionantes em grupos populacionais específicos. Organização Pan-Americana de Saúde, Brasília. 2002.

SOUZA, E. R. & LIMA, M. L. C. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(Sup): 1211-1222, 2007

SOUZA, E. R. & MINAYO, M. C. S. O Impacto da Violência Social na Saúde Pública do Brasil; Década de 80. Rio de Janeiro: Centro Latino Americano de Estudos Sobre Violência e Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. (Mimeo.) 1994.

SZWARCWALD C.L., BASTOS F.I., ESTEVES M.A.P., ANDRADE C.L.T., PAEZ M.S., MEDICI E.V., DERRICO M. Desigualdade de renda e situação de saúde: o caso do Rio de Janeiro. *Cad Saúde Pública* 1999;15(1):15-28.